

Rubens Borba de Moraes:

um intelectual incomum

Depoimento do empresário e bibliófilo José Mindlin sobre Rubens Borba de Moraes, alusivo ao centenário de seu nascimento, ocorrido em janeiro de 1899. Sintetiza a trajetória profissional de Borba de Moraes; destaca suas iniciativas como diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, da Biblioteca Nacional e da Biblioteca das Nações Unidas; identifica-o como introdutor do ensino de Biblioteconomia no Brasil; comenta sua produção intelectual, com destaque para suas bibliografias; recorda passagens de seu envolvimento com o Movimento Modernista e revela o destino da sua coleção de obras raras, uma das mais importantes já constituídas no País.



José Mindlin

Palavras-Chave: Moraes, Rubens Borba de; bibliofilia; obra rara.



Centenários de nascimento ocorrem todos os dias, em todos os anos, e obviamente são ignorados do grande público, mas alguns existem que não podem deixar de ser assinalados, pelos méritos do personagem em sua passagem pelo mundo.

Vou falar de um deles, uma figura incomum no meio intelectual brasileiro: Rubens Borba de Moraes, que nasceu em 23 de janeiro de 1899, e cuja vida e obra merecem ser evocados. Procurarei ser objetivo, embora tivéssemos sido amigos fraternais durante mais de quarenta anos. Por outro lado, essa relação, o convívio que tivemos e as afinidades que nos uniram permitem falar dele melhor do que alguém que apenas o tenha conhecido superficialmente.

Fomos, aliás, meio contraparentes (expressão que sempre achei fora de propósito quando existe amizade, já que sugere mais divergência do que entendimento...). Rubens era primo-irmão de uma cunhada minha, mas não foi isso que nos aproximou, e sim o amor aos livros, que tanto ele, como eu, sempre tivemos e cultivamos.

Foi um homem de grande cultura, conhecedor e infatigável leitor dos mais diversos temas. Descendia de velhos troncos paulistas, que remontam a Borba Gato, mas nem por isso tinha a empáfia de muitos quatrocentões. Sua vida apresentou contrastes curiosos, da educação européia à boêmia que levou seu grupo na rapaziada paulista a promover a Semana de Arte Moderna, e, ao mesmo tempo, extremamente metódico em todos os seus trabalhos, e profundo estudioso de temas brasileiros.

Nasceu em Araraquara, São Paulo, mas fez seus estudos, a partir dos nove anos de idade, em Paris e Genebra, antes da 1ª Guerra Mundial (era mais barato estudar na Europa do que em São Paulo...). A influência da Europa foi tão marcante, que escrevia em francês antes de fazê-lo em português, ao ponto de seus artigos para *Klaxon*, de que foi diretor, terem de ser corrigidos, e às vezes até traduzidos, por Mário de Andrade, de quem foi amigo de infância, e a quem reencontrou quando voltou ao Brasil, em 1919.

Inicialmente foi funcionário da Secretaria da Fazenda, trabalhando na Receita, mas isso não durou muito, e escapou de uma carreira nesse setor. Carreira incom-

patível com números, que ele sempre detestou (Sérgio Milliet, seu íntimo amigo, e companheiro nos anos da Suíça, dizia que Rubens só sabia fazer contas com os dedos...). Apaixonado por livros, passou a lhes dedicar sua vida, não só como leitor, mas também como escritor e organizador da leitura, pois foi o verdadeiro introdutor da Biblioteconomia no Brasil, fundando a primeira escola de Biblioteconomia que aqui se formou. Isso o levou a dirigir e reorganizar, de início, a Biblioteca Municipal de São Paulo, fazendo parte do grupo que renovou a cultura brasileira, e depois a Biblioteca Nacional. Nesta, encontrou vícios antigos, que revelou em famoso relatório, mas isso lhe valeu os maiores dissabores e pressões políticas, que finalmente o levaram a deixar o cargo. Logo mais direi o que aconteceu depois disso, mas acho importante assinalar que seu trabalho na Biblioteca Municipal se iniciou sob os estimulantes auspícios do Departamento Municipal de Cultura, criado por Mário de Andrade, sendo prefeito Fábio Prado, assessorado por Paulo Duarte, e de que Rubens e Sérgio Milliet, entre outros, faziam parte. Foi um trabalho harmonioso e extremamente criativo, mas quando Prestes Maia assumiu a Prefeitura, as coisas mudaram. O novo prefeito não soube compreender as idéias progressistas com que Rubens havia imaginado o projeto do atual prédio da Biblioteca, que antes funcionava num casarão da Rua Sete de Abril, e aí surgiram problemas desanimadores. Por exemplo, uma das primeiras providências de Prestes Maia, em relação à Biblioteca, foi extinguir o curso de Biblioteconomia, sob a alegação de que isso era atribuição da Secretaria de Educação, e não da Prefeitura.... Não me lembro se se demitiu ou se foi demitido, mas foi aí que assumiu, depois de algum tempo, a direção da Biblioteca Nacional, onde o esperavam problemas burocráticos de natureza semelhante. Encontrou a Biblioteca em condições bastante precárias de administração e funcionamento, corrigiu muita coisa, mas não conseguiu executar todos os seus planos, pois a revelação de mazelas provocou forte reação, obrigando-o a deixar o cargo. Sua grande competência foi, no entanto, reconhecida em plano internacional, pois foi convidado a dirigir a Biblioteca e o Serviço de Informações da ONU, permanecendo nesse trabalho, em Nova York e Paris, por vários anos, até a sua apo-

sentadoria. Regressou então a São Paulo, e ficou aqui algum tempo, indo depois para Brasília, onde lecionou Biblioteconomia, Bibliografia e História do Livro na Universidade de Brasília. Aos 75 anos, com invejável disposição de espírito, enfrentou a construção de uma casa em Bragança, neste Estado, onde morou até o fim de sua vida, aos 87 anos.

Com estas breves informações, creio que posso encerrar o que poderia ser considerado sua biografia oficial, para poder falar de Rubens de modo mais descontraído, e passando a mencionar o que me parecem ser suas características fundamentais.

Desde cedo resolveu dedicar-se à bibliografia brasileira, embora suas leituras de moço tivessem sido de autores franceses, tendo sido um dos primeiros leitores brasileiros de Proust. Passou anos pesquisando bibliotecas européias, norte-americanas e brasileiras, publicando uma série de obras que são verdadeiros monumentos de erudição, das quais se destacam a *Bibliografia Brasileira*, descritiva de livros raros sobre o Brasil de 1504 a 1900, e a *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*, em que no final de sua vida foi assessorado por Ana Maria Camargo, e publicada postumamente. A primeira teve duas edições, ambas em inglês, imaginando-se que teria, como teve, maior repercussão no exterior do que no Brasil. Seus amigos quiseram fazer uma edição em português, mas Rubens era tão desligado de interesses materiais que mandou os próprios originais serem traduzidos para o inglês, e esses originais se perderam. Estamos tentando agora uma edição brasileira, comemorativa dos 500 anos, mas traduzida do inglês... Tenho o exemplar do próprio Rubens, com numerosos acréscimos e correções que enriquecerão a nova edição, e que contém uma nota reveladora de seu grande senso de humor: “*Author’s copy, revised and enlarged, prepared for a very improbable 3rd edition, some time around the year 2003!*” (“Exemplar do autor, revisto e ampliado, preparado para uma muito improvável terceira edição, mais ou menos no ano de 2003”).

Em paralelo, dedicou-se também à literatura, escrevendo uma deliciosa digressão sobre arte – o *Domingo dos Séculos*, publicado em 1924, e o admirável *Bibliófilo*

Aprendiz – introdução indispensável ao mundo dos livros, que teve várias edições e se tornou, durante vários anos, uma raridade, mas felizmente foi agora reeditado por seu antigo discípulo em Brasília, Antônio Agenor Briquet de Lemos, em coedição com a Casa da Palavra, nova editora no Rio de Janeiro. Os editores fizeram um livro que, além de seu texto ser encantador, teve excelente planejamento gráfico, resultando num volume que dá gosto de pegar. Escreveu também numerosos artigos em várias revistas, como *Klaxon*, de que foi diretor, *Anhembí*, *Terra Roxa*, e outros, sempre informativos e bem humorados.

Embora a literatura fosse o seu maior interesse, teve também atuação política, ajudando a fundar o *Diário Nacional*, órgão de oposição ao Partido Republicano Paulista (PRP), que dominou oligarquicamente a República Velha. Foi também combatente na Revolução de 32, mas tudo isso acredito poder dizer que foi acidental em sua vida. Gostava mesmo de ler e conversar – a época de sua mocidade creio que foi o apogeu do bate-papo. Ficaram famosas as reuniões noturnas em São Paulo e no Rio, que entravam pela madrugada, com Mário de Andrade, Tácito e Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Paulo Duarte, Sérgio Milliet, Di Cavalcanti, Couto de Barros, Manuel Bandeira, entre outros. Também se tornou amigo de Blaise Cendrars, quando este esteve no Brasil, e foi freqüentador, com todo o grupo Modernista, do “*salon*” de Dona Olívia Guedes Penteado, que deu a todos eles, assim como Paulo Prado, inestimável apoio. Ia me esquecendo de dizer que, tendo sido um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, de 1922, dela não participou, pois adoeceu justamente nessa semana! Quando o ouvia contar o que eram os encontros dos jovens intelectuais, confesso que ficava com pena de ainda ser criança naquela época. E sonho com a publicação de vários textos inéditos, que estão comigo, e que descrevem detalhes pitorescos de sua vida, e da vida paulistana. Mas creio que posso dar a todos uma boa idéia do talento e bom humor reinantes, transcrevendo a poesia que fizeram em resposta a um certo Caligaris, que se infiltrara na reuniões, e ali disse que os poetas brasileiros não prestavam, pois não sabiam rimar:

CALIGARIS, CALIGARIS - LADAINHA MODERNISTA

*Caligaris, Caligaris
vaes a todos os lugares,
perseguindo os nossos lares,
em almoços e jantares,
Caligaris, Caligaris...
Caligaris, Caligaris,
vaes por rios e por mares,
pela terra e pelos ares,
nas cosinhas e nos bares,
nos cafés e nos bilhares,
nas igrejas e nas gares,
Caligaris, Caligaris...
Caligaris, Caligaris,
filas drinks e manjares,
pedes aqua Salutaris,
si não há, Apolinaris,
não havendo Paulotaris,
Caligaris, Caligaris...
Caligaris, Caligaris,
para nos incomodares,
sobes todos os andares,*

*furtas ricos exemplares,
de obras raras seculares,
mesmo livros escolares,
ou romances populares,
para, rapido empenhares,
pelos sebos e bazares,
Caligaris, Caligaris...
Caligaris, Caligaris,
roubas frutas dos pomares,
dos jardins os nenufares,
hostia e vinho nos altares,
vestes roupas de alamares,
becas, habitos talares,
uniformes militares,
sobretudos familiares,
fardamentos consulares,
balaudraus particulares,
Caligaris, Caligaris...
Caligaris, Caligaris,
onde vaes em teus esgares,
com teus gestos singulares,*

*teus sarampos, teus azares,
tua dor nos calcanhares,
tuas sardas aos milhares,
cataporas aos bilihares,
e outras doenças de muares,
Caligaris, Caligaris?...
Caligaris, Caligaris,
não tens outros similares,
os teus versos não tem pares,
não são tolos nem vulgares,
são apenas cavallares,
Caligaris, Caligaris...
Caligaris, Caligaris,
para leres, recitares,
escreveres, conversares,
teres livros e fumares,
vens a nós ó Caligaris,
Caligaris, Caligaris...
Caligaris, Caligaris,
no festim dos Baltazares,
é o Mane Thecel Phares,*

CALIGARIS, CALIGARIS!

A autoria dessa primorosa brincadeira foi de Rubens, Tácito e Guilherme de Almeida, e, muito provavelmente, também de Mário de Andrade.

Tivemos grande amizade pessoal, encontros freqüentes, e conversas infundáveis, mas, como disse, o que nos ligou fortemente foi o amor aos livros, ambos com a mesma compulsão patológica da garimpagem. Um curti a biblioteca do outro, e ele é, na realidade, o interlocutor que me falta. Preocupado com o que fazer com os livros depois que passássemos desta vida para a melhor (pergunto-me sempre se será mesmo a melhor?), resolvemos

unir as bibliotecas, para evitar a dispersão. Isso foi objeto, aliás, de longas conversas e muitas dúvidas, pois ele achava que, se nenhuma biblioteca se dispersasse, novos colecionadores teriam uma vida difícil, uma vez que foi naquelas que se venderam que nós encontramos muitos de nossos livros. Mas mesmo na dúvida, resolvemos não dispersar as nossas, e a dele, que nos deixou em testamento, se encontra aqui em casa, intacta, arrumada como estava na casa dele, e não se misturando com a nossa, pois uma biblioteca transmite a personalidade de quem a formou. E a personalidade de Rubens foi fora de série.

22 de fevereiro de 1999.

José Mindlin é empresário e bibliófilo. Patrocinou a edição e a reedição de muitos livros, pessoalmente ou através da empresa que dirigia, a Metal Leve. Atualmente, é presidente da Sociedade de Bibliófilos do Brasil.

Abstract

This is the deposition of the entrepreneur and bibliophile José Mindlin concerning Rubens Borba de Moraes, allusive to the centenary of his birth, in January of 1889. It synthesizes Borba de Moraes's professional path, emphasizing his initiatives as the Director of Municipal Library of São Paulo and as the Director of the United Nations Library. It identifies him as the introducer of Bibliotheconomy study in Brazil. It also comments on his intellectual production and his bibliographies; and recalls passages of his modernist movement evolvement. It finally reveals the destiny of his rare work collection, one of the most important constituted in the country.

Key-Words: Moraes, Rubens Borba de; bibliophily; rare book.